

## O CASO ARGUEDAS E A CIA RUBEM BRAGA

NÃO li em nenhum jornal do Brasil as declarações feitas pelo Sr. Antônio Arguedas, antigo Ministro de Governo da Bolívia, ao regressar ao seu país. Um amigo me traz um jornal uruguaio em que elas são transcritas na íntegra.

Como os leitores se lembram, Arguedas fugiu para o Chile quando foi acusado de ter vendido a Fidel Castro uma cópia do diário de «Che» Guevara. Do Chile, onde ficou detido, passou à Inglaterra e os Estados Unidos, e afinal regressou à Bolívia, onde deu uma entrevista coletiva.

Contou Arguedas que em 1964 quando foi derrubado o Governo do MNR, ele foi designado Subsecretário do Ministério do Governo. Dois meses depois o Coronel Edward Fox, da Força Aérea Americana, disse-lhe que se ele continuasse no Ministério, os Estados Unidos suspenderiam a assistência econômica à Bolívia e adaptariam as mais drásticas sanções e pressões contra o Governo.

«Para evitar isso, renunciei ao cargo. Cerca de 20 dias depois voltei a ter contato com o Coronel Fox, que disse que o meu caso poderia ser ajeitado, e que eu devia falar com um diplomata americano

na Bolívia para trocar impressões. Apresentei-me ao Sr. Larry Sterfield, que então era o chefe da Agência Central de Informações (CIA) dos Estados Unidos neste país. O Sr. Sterfield propôs-me um interrogatório fora do país para esclarecer se eu havia sido militante do Partido Comunista ou se o partido me havia infiltrado no Governo. Estive em Lima durante quatro dias submetendo-me a interrogatórios por parte da CIA. Submeti-me voluntariamente a êsses interrogatórios».

No primeiro dia — contou ele — houve uma entrevista simples; no segundo, respondeu a uma série de perguntas; no terceiro dia houve interrogatório por métodos eletrônicos, detetor de mentiras etc.; no quarto dia lhe deram a beber um refrigerante que, no seu entender, continha alguma droga, pois não se lembra do que lhe perguntaram nem o que respondeu: teve uma sensação física de intenso frio e um abatimento moral absoluto.

«Eu queria morrer. Era capaz de me lançar pela janela do quinto andar. Senti que a minha consciência tinha sido posta a nu». Mas vamos deixar o resto da história para depois de amanhã.

DN 15. 9. 68